



PROMETEUS

FILOSOFIA EM REVISTA

Ano 1 - no. 2 Julho-Dezembro/2008 ISSN 1807-3042

A CRÍTICA DE SÓCRATES À CONCEPÇÃO DE PIEDADE COMO RELAÇÃO COMERCIAL

ADELSON TAVARES DA CONCEIÇÃO
(GRADUANDO EM FILOSOFIA - VVV)

Resumo: O objetivo desse trabalho é realizar uma apresentação da crítica que Sócrates faz à concepção de piedade como relação comercial no diálogo platônico *Eutífron*, que tem como um dos temas a discussão da noção grega popular de piedade. Analisaremos as concepções filosóficas socráticas para saber até que ponto é possível conciliar as afirmações do filósofo quanto ao divino com sua doutrina filosófica.

Palavras-chave: Sócrates, religião, ética

Abstract: The objective of this paper is to make a presentation of Socrates' criticism of the notion of piety conceived as commercial relation in the platonic dialogue *Eutífron*, which has as one of its subjects the discussion of the popular Greek notion of piety. We will make an analysis of the Socratic Philosophical conceptions in order to know to which degree is possible to match the assertions of the philosopher about the divine and his Philosophical doctrine.

Key-words: Socrates, religion, ethics

Pretendo, com este texto, realizar uma breve apresentação da crítica que Sócrates faz aos gregos quanto à concepção de piedade que “nada mais é do que uma relação de troca comercial”. Tal crítica é desenvolvida no diálogo de Platão *Eutífron*¹, o qual tem como um dos eixos de discussão a noção de piedade para os gregos, que a concebem como uma espécie de negócio: em troca de louvações,

¹ *Eutífron* é um dos diálogos de Platão que retratam os últimos episódios de Sócrates. Nele, o filósofo encontra um adivinho, que dá nome ao diálogo, em seu caminho para o fórum para tomar ciência da acusação de Meleto que o levariam à morte. Fica sabendo que *Eutífron* estava movendo um processo contra o próprio pai, acusando-o de ter matado um servo, que por sua vez teria matado um homem.

de oferendas, de sacrifícios, de orações, os deuses dão sorte, proteção, sucesso. Analisaremos suas concepções para saber até que ponto é possível conciliar as afirmações do filósofo quanto ao divino com sua doutrina filosófica.

Sócrates como cidadão ateniense era respeitador das leis do estado e sentia-se comprometido com as questões morais que envolviam o homem e a sociedade, por esta perspectiva buscava desenvolver sua filosofia a partir de dois preceitos: “Conhece-te a ti mesmo” e “Sei que nada sei”. Sendo o primeiro a sua “missão”, a saber, a busca do conhecimento de si, já o segundo consiste no início do caminho para a sabedoria.

Sua missão é fundamentada na interpretação do dito oracular inscrito na porta do templo – “Conhece-te a ti mesmo”. Em sua concepção a inscrição no portal de Apolo significa que o conhecimento não é um estado, mas, um exercício constante em busca da verdade; pressuposto que faz Sócrates conceber a filosofia como uma missão: um exercício infundável para alcançar a sabedoria, a verdade e o auto-reconhecimento. A cada conhecimento obtido, uma nova ignorância se abre aos nossos olhos. Isso não quer dizer a impossibilidade da verdade, mas sim um exercício constante para alcançá-la, tendo em vista o fato de ser ela sempre maior do que nós. Uma vez que para Sócrates a sabedoria plena é um atributo que compete aos deuses que são infinitamente superiores aos homens em sabedoria. (*Apologia* 23, a 5-b4).

Porém, é preciso esclarecer que a crença de Sócrates nos deuses é uma crença diferenciada dos seus concidadãos, ele crê nos deuses, como pode ser constatado na *Apologia* (11:24), mas sua crença não é nos deuses do Estado. A sua doutrina é composta de elementos de uma teologia moral na qual há uma mútua implicação entre virtude e sabedoria, onde, para ser virtuoso, é preciso conhecer o *eidós* da virtude, característica atribuída ao sábio, o qual, ao conhecer o *eidós* da virtude, conhece também a *areté* moral. O pressuposto socrático é de que os deuses, por serem sábios (racionais), são justos (morais), gerando, assim, mútua implicação entre virtude e sabedoria.

Dessa forma, o modo de ser virtuoso depende do conhecimento, da definição do *eidós* da virtude que confere àquele que dispõe de tal conhecimento a *areté* moral, a qual, uma vez atingida, o torna invariavelmente justo. Assim, os

deuses, que são conhecedores do *eidos* da virtude, são sábios, não podem agir senão moralmente, sendo, portanto, justos.

Porém, é necessário saber até que ponto é possível conciliar as afirmações do filósofo quanto ao divino com sua doutrina filosófica, uma vez que o ateniense se diz investido de uma missão divina e é guiado por uma voz interior (seu *daimonion semeion*- o signo divino que lhe ocorre de vez em vez). Ao analisar tais concepções sem o devido cuidado, somos induzidos a crer que em muitas de suas afirmações ele entra em contradição, devido à sua afirmação de ora seguir o que melhor a razão lhe propuser e, outras vezes, dizer seguir o que o oráculo lhe determinar. Estes são os dois princípios básicos para estabelecer o seu projeto filosófico. Limite entre razão e divindade.

3 – A CRÍTICA DE SÓCRATES À NOÇÃO DE PIEDADE

Sócrates, enquanto filósofo e cidadão ateniense, tinha como preocupação em sua investigação filosófica as questões do homem e do seu mundo. Para tanto, tratava de temas como: verdade, virtude, dever, alma, justiça, injustiça, piedade, saber, etc. Diante destas questões, Sócrates tem o interesse de, com estes questionamentos, promover a busca do autoconhecimento de cada indivíduo. Esse autoconhecimento tornará o homem capaz de desenvolver uma sabedoria constituída a partir da reflexão enquanto indivíduo sobre as opiniões que regem suas ações, e assim se tornar virtuoso, sábio, piedoso e capaz de realizar os serviços à divindade.

A partir deste pressuposto, Sócrates busca fundamentar sua noção de piedade, criticando a concepção vigente em seu tempo, que consiste em uma relação de troca de favores entre os deuses e os homens, coisa que Sócrates considera um absurdo, pois a piedade para Sócrates “consiste em fazer a obra de um deus para o lucro dos seres humanos” (Vlastos, *Socrate*, p. 244). Diante dessa noção nos deparamos com uma questão um tanto problemática, a qual nos leva a indagar se a concepção de Sócrates a respeito da religiosidade é a mesma concebida pelos seus concidadãos, se carecem os deuses dos homens para realização de seus desejos ou são os homens necessitados de favorecimentos dos deuses para terem seus desejos realizados. Bem podemos observar que esta é uma

concepção de piedade totalmente diferente da corrente entre os gregos, a qual tinha como propósito a realização de rituais de magia com o intuito de obterem seus desejos favorecidos pelos deuses.

Na crítica que ele desenvolve, no diálogo *Eutífron*, a respeito da religiosidade concebida na Grécia de sua época, cuja concepção de piedade que para os muitos não passa de uma relação de trocas comerciais, Sócrates busca redefinir tal noção, atribuindo-lhe uma essência (*eidos*). Em sua tentativa de demonstração do *eidos* da piedade, Sócrates busca demonstrar que a piedade tem uma essência própria e normativa tanto para os deuses quanto para nós.

Por outro lado, ele acredita que, para se tornar virtuoso e piedoso, o homem precisa se autoconhecer. Só assim terá domínio sobre suas ações, ou seja: é preciso que ele seja possuidor de uma sabedoria que lhe torne capaz de se realizar. Assim é possível supor que há duas hipóteses para nos tornarmos piedosos: uma por essência determinada pela virtude e outra através do nosso autoconhecimento. Para Sócrates, são os humanos que devem realizar o desejo divino, realizando uma obra divina. Assim como ele faz, por acreditar ser a sua missão, como já vimos; tal missão consiste em examinar a si mesmo e aos outros pelo *elenchus*, para verificar se os princípios que guiam as ações de cada um são consistentes ou não e buscar o conhecimento acerca da virtude que tornará sábio e justo aquele que detiver tal conhecimento. Dessa forma o auxílio que os humanos devem prestar aos deuses é a de tornar justas as almas humanas, essa é uma tarefa que compete a cada ser enquanto homem.

Essa concepção socrática de piedade que “consiste em fazer a obra de um deus para lucro dos humanos” (Vlastos, *Socrate*, p. 244) é estranha tanto para a religiosidade grega quanto para a concepção trágica, uma vez que estabelece uma relação entre deuses e humanos, contrapondo assim a concepção vigente que destituía qualquer aproximação dos valores humanos com o mundo dos deuses, onde estes agem de forma alheia às expectativas morais dos humanos. Para Sócrates, não existem duas ordens de valores, uma humana e outra divina: os valores morais são objetivos e universais e os deuses agem de forma justa, como já vimos anteriormente, e desejam tornar justas e boas as almas humanas.

4 - CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tendo em vista os aspectos abordados sobre a atividade filosófica concebida por Sócrates podemos observar que o filósofo assume uma postura antropológica, tendo em vista que é o homem o centro de sua investigação. Para Sócrates existe uma ordem no mundo que segue leis inerentes ao próprio mundo e o homem é parte integrante desta ordem, assim, para ser bom e belo, basta que ele realize dentro de si esta ordem, para isso, é preciso que ele desenvolva uma certa sabedoria humana que lhe permita refletir sobre suas ações e assim manter esta ordem em equilíbrio. O ateniense acredita que, ao homem bom a bondade divina – a qual depende todos os bens – não pode ser negada devido ao fato de este só poder fazer o bem, assim como os deuses o faz. Porém, os deuses possuem o *eidōs* da virtude em função de sua sabedoria divina que é imensamente superior à do homem. Não possuir a sabedoria divina significa, com efeito, não conhecer a essência da virtude, o que implica em não ser feliz e justo como as divindades. Assim, o reconhecimento de não possuir a sabedoria divina já é um passo para alcançar o supremo saber humano e um progresso em direção à sabedoria divina.

É possível conciliar a relação do filósofo com a divindade e sua doutrina filosófica, devido ao fato que para Sócrates o princípio racional no homem indica um sentimento ético, moral e religioso. Ou seja, a sabedoria humana deve ser uma reflexão do indivíduo sobre as suas opiniões que regem suas ações, tendo em vista que sua preocupação é com as virtudes humanas, como também, para ele o mundo divino segue um princípio ético e não místico, como observa Vlastos:

Seus deuses são [...] [aqueles] da religião grega com apenas uma diferença: eles são o que os deuses da cidade seriam se transformados em seu caráter moral para serem invariavelmente justos, benéficos sem exceção, capazes de causar apenas o bem, nunca o mal... (VLASTOS, “Sócrates”, p. 97)

Assim, a relação entre sua doutrina e a divindade não é contraditória porque no domínio moral o critério de verdade socrático passa pelo crivo da razão; Critério este que pode ser observado no *Criton* (46b):

- (a) “Pois eu, não somente hoje mas sempre, sou um homem que nada segue senão a proposição que me parece melhor quando eu aplico meu raciocínio...”

Por outro lado, Sócrates declara seguir sua missão por ordem divina:

- (b) “ Mas como eu creio, eu fui determinado a agir assim pelo deus por meio de oráculos e sonhos e por qualquer outro meio pelo qual qualquer homem tenha sido determinado pelo poder divino a fazer seja o que for.” (*Apológia*, 33 c)

Podemos observar também que a relação que Sócrates mantém com seu oráculo e com sonhos proféticos os quais, às vezes lhes fornecem signos divinos, não é uma relação de dependência mística, na qual ele atribui “eventos físicos extraordinários, aquilo que é para seus concidadãos ‘prodígios’”. Ao contrário, Sócrates aplica a tais signos o raciocínio antes de aceitá-los como verdadeiros. Como se pode observar no trecho abaixo, reproduzido do texto do professor Aldo:

“**Signo oracular:** Sócrates é o mais sábio dos homens (Sócrates toma este signo como verdadeiro, já que, de acordo com sua teologia moral, os deuses sendo sábios e justos, não podem mentir).

Premissa (a): os deuses, supremamente sábios, superam enormemente os homens em sabedoria (premissa do senso comum grego).

Premissa (b): os homens possuem uma insignificante sabedoria em comparação com os deuses conversão simples de (a).

Conclusão a partir do signo oracular e da premissa (b): Se Sócrates é o mais sábio dos homens e se a sabedoria humana é de pouco ou nenhum valor comparada com aquela dos deuses, então a sabedoria de *Sócrates* consiste em reconhecer que não possui a sabedoria divina (e qualquer outro homem que reconheça o mesmo será tão sábio quanto Sócrates).”

Como se pode observar, os signos divinos são interpretados por meio de argumentos racionais, descaracterizando assim a possível interpretação de uma contradição, com isso, Sócrates inova ao viabilizar uma possível relação entre divindade e humanos na qual o homem piedoso deve auxiliar na realização da obra divina que é, tornar justas as almas humanas. Eis a missão do filósofo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

JAEGER Werner Wilhelm,. *Paidéia: A Formação do Homem Grego*. Trad. Artur M. Parreira. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

PLATÃO. *Apologia a Sócrates*. Trad. Carlos Alberto Nunes. Belém, Pará: Universidade Federal do Pará, 1980. Vol. I e II. Coleção Amazônica.

_____. *Eutidemo*. Trad. Carlos Alberto Nunes. Belém, Pará: Universidade Federal do Pará, 1980. Vol. I e II. Coleção Amazônica.

_____. *Eutífron*. Trad. Carlos Alberto Nunes. Belém, Pará: Universidade Federal do Pará, 1980. Vol. I e II. Coleção Amazônica.

_____. *Hípias Menor*. Trad. Carlos Alberto Nunes. Belém, Pará: Universidade Federal do Pará, 1974. Vol. XI. Coleção Amazônica.

_____. *Diálogos: Protágoras, Górgias, Fedão*. Trad. Carlos Alberto Nunes. 2.^a edição revisada. Belém, Pará: Universidade Federal do Pará, 2002.